



A CONTRIBUIÇÃO DOS JORNAIS DE PESQUISA DURANTE AS VIVÊNCIAS DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID): UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

THE CONTRIBUTION OF NEWSPAPERS RESEARCH EXPERIENCES DURING THE PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID): AN EXPERIENCE REPORT

ELISÂNGELA MONTEIRO QUEIROZ

Graduanda do Curso de Educação Física da
Universidade Estadual do Rio Grande do Norte.

Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência- PIBID.
elisangela201186@hotmail.com.

HELDER CAVALCANTE CÂMARA

Docente do Curso de Educação Física – CEF/CAMEAM/UERN.

Professor cooperador Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência- PIBID.
redlehcc@gmail.com.

SUÊNIA DE LIMA DUARTE

Docente do Curso de Educação Física – CEF/CAMEAM/UERN.

Coordenadora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência- PIBID.
limaduarte-uern@hotmail.com.

RESUMO

Registrar nossas ideias, pensamentos e ações são de grande auxílio para futuros estudos, até mesmo porque sabemos que a memória é falha, e nela as informações corriqueiramente se perdem a curto prazo. Assim o registro de ideias, independente de qual seja ele, se faz essencial para que futuramente se possa ter acesso a essas informações. O presente artigo discorre sobre os jornais de pesquisa: instrumento de registro de forma escrita, onde o escritor anota de forma livre todos os seus pensamentos, inquietações e ideias a partir de suas ações. Embora seja livre, a escrita evolui e pode ser reformulada para posterior publicação. Tal instrumento foi utilizado no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto de Educação Física (CAMEAM-UERN) como forma de refletirmos sobre nossas práticas profissionais e pessoais. Este trabalho constitui um relato de experiência com o jornal de pesquisa, e teve como objetivo mostrar as contribuições deste, através de experiências vividas. É possível notar um crescimento contínuo a partir da reflexão dos jornais, e do (re)agir posterior a esta reflexão. Concluímos que os jornais estão além do simples fazer, pois possibilitam um olhar ampliado daquele que o faz, que em sua prática não se acomoda, nem se deixa abater, mas busca constante evolução para melhorar sua prática e suas formas de ensino em sala de aula.

Palavras-chave: Jornal de pesquisa. Formação. Auto-formação.

ABSTRACT

Register our ideas, thoughts and actions are of great help for future studies, even because we know that memory is flawed, and it routinely the information is lost in the short term. So the record of ideas, no matter what it is, it is essential for the future is to have access to that information. This article discusses the research papers: recording instrument in writing, where the writer notes freeform all your thoughts, concerns and ideas from their actions. Although it is free, writing evolves and can be reworked for later publication. This instrument was used in the Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) subproject of Physical Education (CAMEAM-UERN) as a way to reflect on our professional and personal practices. This work is an experience report with the research paper, and aimed to show the contributions of this through experiences. You may notice a steady increase from the reflection of the newspapers, and (re)act after this reflection. We conclude that the papers are beyond simple to do, as they allow a look enlarged that it does, that in his practice does not settle, nor is it down, but constantly seeking development to improve their practice and their ways of teaching in the classroom.

Keywords: Journal research. Formation. Self-training.

1 INTRODUÇÃO

Na vida acadêmica, tudo aquilo que se produz é valioso para aquele que o faz, seja um projeto, uma aula, um texto ou material de qualquer tipo. Por tudo isso, no nosso entendimento, faz-se necessária a preservação dos mais diversos tipos de produções feitas em nosso existir, preservação esta, que pode ser feita em forma de memorização, escrita, áudio e/ou áudio-visual. Ressaltamos esta necessidade porque, na maioria das vezes, não registramos o que fazemos e, conseqüentemente, corremos o risco de perder nossas experiências e o valor que delas poderíamos retirar pelo simples esquecimento.

Fugimos, assim, da lógica de um entendimento de que a memória é tão somente um arquivo sob o qual buscamos informações para lembrar-se das coisas do passado. Não é mero saudosismo, mas sim, percurso. É o caminho realizado por nossos passos em uma jornada existencial que nos permitiu ser quem somos. Estar atento a essa trajetória é se perceber e perceber o mundo em que interage, condição essa, essencial para assumir uma mais efetiva ação autônoma nessa existência.

Não há de se negar que a memorização parece muito útil e, talvez seja um dos mais fáceis meios de se guardar algo, entretanto, deve-se ter cuidado com esse tipo de registro, pois a memória “é” muito falha. Na maioria das vezes funciona a curto prazo, mas conforme o tempo vai passando, muito se perde das vivências adquiridas, ficando apenas aquilo que foi mais relevante e muitos detalhes caem no esquecimento, sendo que, futuramente, não poderá estar mais acessível, portanto, “indisponível” a nossa vontade e necessidade.

É por este motivo que se faz essencial o registro das vivências adquiridas de modo que possa ser resgatado a longo prazo. Registros que podem ser feitos em forma de vídeo, fotos, documentários ou mesmo de forma escrita.

Dos registros feitos de forma escrita, aquele que tem se mostrado muito útil, não apenas na descrição das vivências adquiridas, mas também nas reflexões que temos durante tais vivências, são os jornais de pesquisa. O jornal de pesquisa, para Barbosa (2010), é uma escrita pessoal, despreocupada, criadora, e que consiste em um registro livre e, ao mesmo tempo, significativo para o sujeito que escreve.

Esse registro, na forma de jornal de pesquisa, fez-se bastante presente no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do qual fizemos parte e que se materializa como o registro das vivências realizadas dentro do subprojeto de Educação Física do Campus Avançado Prof.^a Maria Elisa de Albuquerque Maia - CEF/CAMEAM/UERN. A intenção, além de guardar de forma escrita as nossas vivências, foi também o despertar para reflexão desse percurso. Portanto, para permitir um resgate reflexivo ao realizar uma futura leitura. Nessa lógica, nos inserimos enquanto seres reflexivos, comparando o antes e com o agora, o que poder gerar uma reflexão sobre si mesmo, e possibilitando uma possível melhoria de nós mesmos e de nossas ações a partir de tais leituras. Segundo Barbosa (2000, p. 20):

À primeira vista, o jornal de pesquisa deve ser visto como um diário pelo fato de nele registrar-se o cotidiano de modo livre, espontâneo. Por não estar comprometido, de imediato, com uma escrita a ser apreciada por outrem, o pesquisador anota suas observações e reflexões com liberdade quanto às regras e às exigências ortográficas ou de outra ordem da expressão linguística. A principal preocupação, neste momento, é a escrita pura e simplesmente do que lhe chama a atenção por se tratar de um sentimento, uma reflexão, uma conexão de idéias... enfim, trata-se de um material que retornará à ele. Revê-lo, reapropriá-lo e aproveitar, oportunamente, aquilo que julgar conveniente.

Portanto, o jornal de pesquisa, tem caráter pessoal e permite ao escritor liberdade para escrever aquilo que sentir, de selecionar o que deve escrever, inclusive seus sentimentos podem também vir a se tornar alvo de reflexão, bem como se tornar público e ser divulgado. Quando assume essa dimensão, portanto, quando chega ao acesso ao “outro”, ganha um relevo importante, visto que poderá auxiliar seus leitores, ou mesmo estimulá-los a percepção deles próprios e de sua condição existencial, ou mesmo, serem estimulados a produção de tais jornais. Além disso, conforme destaca Barbosa (2000, p. 20) “[...] o jornal de pesquisa não

para na perspectiva do diário pessoal. Deve avançar para a perspectiva do diário enquanto jornal, publicado e lido diariamente pelas pessoas”.

No Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN/CAMEAM, subprojeto de Educação Física, o qual conta com vinte bolsistas, o trabalho com jornais de pesquisa vem sendo desenvolvido há cerca de um ano, com registros das atividades desenvolvidas nas escolas sede do subprojeto e nos encontros semanais do PIBID, com vista a desenvolver um processo reflexivo nos bolsistas.

2 OBJETIVO

Considerando as discussões que foram apresentadas anteriormente, as quais ressaltam o valor a memória e do Jornal de Pesquisa, enquanto instrumento de formação e auto-formação, selecionamos como intenção deste trabalho, mostrar a contribuição dos jornais de pesquisa em experiências vividas por um bolsista no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- UERN/CAMEAM, subprojeto de Educação Física, através de um relato de experiência.

3 METODOLOGIA

Este estudo consiste num relato de experiências vividas durante o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com a produção de jornais de pesquisa, mostrando sua contribuição até o momento no programa, como também durante a vida acadêmica.

Um relato de experiência para Elias (2014), “Faz parte dos gêneros pertencentes ao domínio social da memorização e documentação das experiências humanas, situando-as no tempo”. A autora ainda acrescenta que diários íntimos, diários de viagem, notícias, reportagens, crônicas jornalísticas, relatos históricos, biografias, autobiografias, testemunhos etc., servem de exemplos de gêneros dessa natureza.

4 RESULTADOS E DISCURSÕES

Antes de minha inserção no Programa Institucional de Bolsa e Iniciação à Docência (PIBID), já havia tido um contato com os jornais de pesquisa em algumas disciplinas da graduação e, em virtude disso, já tinha adquirido certa admiração por estes, visto que a leitura dos jornais que escrevia me ajudava nos estudos, facilitava que eu gravasse certas partes das

aulas, como também poderia lembrar aquelas esquecidas, pois eu tinha o registro escrito de minhas vivências nas disciplinas.

Entretanto, o contato mais longo se deu e ainda se dá no PIBID. A proposta do uso destes jornais no decorrer das atividades foi lançada, e perdura até hoje. O intuito inicial era um registro despreocupado, livre, de forma pessoal, mas que depois poderia vir a se tornar público.

No PIBID, a leitura e discussão da obra de autoria de Remi Hess e Joaquim Barbosa, intitulada “O diário de pesquisa: o estudante universitário e seu processo formativo”, consistiu na primeira leitura reflexiva sobre a temática, especificamente. Para Barbosa (2010), a utilização do Jornal de pesquisa deve-se fazer como recurso processual capaz de auxiliar o estudante em sua autoformação que, no entendimento dos autores, far-se-ia a partir de uma tríplice perspectiva, quais seriam: a formação para a pesquisa; para a escrita e, principalmente para formação de si como autor de sua atuação social na vida cotidiana.

Essa tríplice perspectiva foi mobilizadora, ainda mais intensa, de utilizar-se desse recurso nesse processo formativo, no qual estamos intensamente imersos.

Vale ainda ressaltar, conforme ainda destacam os autores, que o jornal de pesquisa não é um caminho linear. Em nossa ótica, ganha corpo à medida que se faz, dessa forma, não se atém a uma regra que diz o que ser feito. Poderíamos, inclusive dizer, que sua produção seria similar ao Caminhante no poema *Cantares*, de Antonio Machado:

“[...] Caminhante, são tuas pegadas o caminho e nada mais;
caminhante, não há caminho, se faz caminho ao andar [...]”.

Assim, durante minhas vivências, fazia muitas descrições dos acontecimentos, registrando alguns medos, inquietações, principalmente voltados para a ação docente:

Acredito que só saberemos o que é melhor quando formos incorporando nossas práticas dentro da escola, agindo através da ação, reflexão, ação, pois após a reflexão, aquilo que melhor funcionou agirá novamente, e o que não deu certo terá que ser repensado e ressignificado, para que nós possamos todos, junto com os alunos, crescer a cada dia, e melhorar naquilo que se fizer necessário (JORNAL DE PESQUISA, 14/04/2014).

O escrito anterior foi feito a partir da reflexão realizada na discussão sobre o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Estadual Tarcísio Maia, sede do subprojeto em que estou atuando. Materializou-se mais pontualmente quando se discutia sobre qual seria a melhor

metodologia de ensino, e dessa discursão, surgiu tal pensamento, que foi registrado em um dos jornais, e que se não tivesse sido escrito, teria perdido a oportunidade de registrar uma reflexão que ocorreu em um dado momento e espaço específico e que não se repetem mais.

A escrita do Jornal de pesquisa, defendida por Barbosa (2010) não se fecha a uma perspectiva. Na verdade abre possibilidades ao considerar o olhar multirreferencial, inclusive dos sujeitos que o produz e dos outros discursos que emergem nos espaço em que as ações são realizadas. Permite-se, assim, a assunção de uma ser sujeito que se interroga, interpreta e imprime sentido ao que produz, o que o faz um sujeito eminentemente implicado em sua produção (BARBOSA, 2010).

Em outro momento e fazendo parte das atividades do subprojeto do PIBID de Educação Física, fomos oportunizados discutir sobre os jornais de pesquisa com Joaquim Barbosa, autor que tem produção teórica relativa a esse instrumento e vasta experiência na utilização do jornal de pesquisa no espaço acadêmico.

Em nosso encontro, o escritor relatou que para a escrita dos jornais de pesquisa, é necessário um “se autorizar” do autor, e este “se autorizar” deve ser feito para nos libertarmos ao máximo durante a escrita, por isso devemos assumir as consequências desse se autorizar. Assumir as consequências, logo se pressupõe que seja algo ruim, mas se você faz um bom registro, este, além de lhe servir de auxílio, pode gerar frutos e trazer boas consequências.

Assume-se assim, o sentido de autoria destacado por Ardoino (*apud* BARBOSA, 2010, p. 48), que consistiria na “‘Capacidade de fazer de si mesmo seu próprio autor, de tornar-se a si mesmo o autor de si mesmo’ ou ‘coautor’”, no sentido de sempre considerar a presença do outro em nosso caminho.”

Desta forma, depois deste contato, a escrita pareceu fluir com mais facilidade e as discursões que tínhamos no subprojeto juntamente com aquelas vividas nas escolas sede alimentavam a escrita dos jornais.

Como muitas de minhas escritas eram pautadas no âmbito escolar, quando me deparava com um problema na escola, recorria aos jornais como forma de reflexão para ação, procurando metodologias e o resgate de experiências anteriores que pudessem servir como possibilidade para ser utilizada ou para ser melhorada, a fim de dar conta de determinada situação.

À medida que você escreve e relê seus jornais, acontece um processo de crescimento interno. Não é apenas o relembrar, mas é possível uma percepção de um crescimento pessoal.

O escritor se vê e se enxerga como novo ser, talvez melhor, talvez pior, mas há sempre uma evolução progressiva que estes jornais permitem visualizar.

Emerge outras possibilidades de olhar para os fenômenos que se manifestam na realidade, pois assume-se essa realidade não como uma “coisa” linear, mas tecida na teia complexa que a faz ser o que é. Barbosa, para pensar nessa questão, trás trecho do jornal de pesquisa de três alunas de graduação do curso de Pedagogia, as quais ressaltam a importância do olhar multireferencial nas suas percepções:

Na multireferencialidade, o que está em “xeque” é o homem sujeito e tudo que tange suas relações. Admite-se a complexidade do homem (razão, emoção, objetivo e subjetivo ao mesmo tempo) e abre-se espaço para subjetividade sufocada pela estrutura social capitalista, restabelecendo um sentido para a vida. Para compreender esse modo de pensar, foi necessário um mergulho interior com base na experiência vivida e nas leituras realizadas, nas quais pudemos nos recriar, como sujeitos, e assim dar início ao processo de autorização, para depois voltarmos ao real social a que pertencemos e saciar nossas dúvidas (BARBOSA, 2012, p. 39).

Parece, pois, que também estamos nesse processo de formação e autoformação, no qual mergulho dar ares de ser condição para nossa formação enquanto sujeito, coautores de nossa existência. Sem essa assunção, nos parece extremamente difícil um retorno de um sujeito autônomo para atuar na realidade.

Particularmente, ao fazer uma releitura, percebi coisas que hoje penso que não faria novamente, vejo falas tradicionalistas, secas e sem fundamento. Também me percebo sonhadora, procurando sempre possibilidades de saídas para tudo e que tudo na escola pode dar certo. Não se trata de um pensamento absolutismo, mas de uma acreditar que as coisas se constroem com a ação de sujeitos, não sendo, portanto, inexoráveis as transformações e as mudanças. Em se tratando da melhora na produção escrita, os avanços são nítidos. Percebemos, assim, uma escrita muito mais reflexiva, que se funda em muitas discursões do PIBID e nas leituras que vem sendo feitas no processo formativo porque viemos passando, as quais são levadas para a sala de aula, como também e, principalmente, para a vida.

Assim, dentro da releitura dos meus jornais, desenvolvidos no decorrer de um ano como bolsista, posso perceber múltiplas faces de mim mesma e, a partir destas faces, posso me comparar o antes e o agora e ver o quanto tenho melhorado, evoluído, ou não, e o quanto ainda posso melhorar.

5 CONCLUSÕES

Dadas as discussões apresentadas ao longo deste trabalho, podemos dizer que a escrita dos jornais de pesquisa não se apresentam apenas como excelentes instrumentos de memorização, de aquisição e registro de informações e ideias. Seus benefícios vão além porque se constitui como um processo vivido, vivo e que nos forma para além do aspecto profissional. Segue, portanto, uma lógica de formação para além dos racionalismos, como bem destacou Martins (1998):

[...] o processo de construção de conhecimento não se efetiva sob a égide exclusiva de uma determinada racionalidade. Pelo contrário, o conhecer estabelece-se a partir de outros vários planos: das motivações mais profundas do pesquisador (inconscientes?), de seus desejos, de suas projeções pessoais, de suas identificações, de sua trajetória pessoal etc.[...] (p.29).

Baseado nesse pressuposto, consideramos os jornais de pesquisa também como construtor de conhecimento, gradual e crescente. Parte de um princípio de conhecer a si mesmo, e não se acomodar com as inquietações encontradas. Escrever os jornais é apenas o primeiro passo; o segundo é a leitura crítica; e o terceiro, e mais importante, é a atitude que se toma após a reflexão da própria escrita. Portanto, não basta apenas escrever para atingir esse conhecimento. É necessário agir.

Dispondo deste instrumento seria, a nosso ver, uma das formas de reformar o pensamento (MORIN, 2003), constituindo-se em um modo de pensar em constante mutação e evolução própria.

Poderíamos dizer que os jornais de pesquisa constitui-se como um “instrumento” que é capaz de proporcionar um olhar mais plural do escritor, autor. Este, de forma pessoal, enxerga seu percurso e sua evolução de forma gradativa. É possível enxergar suas próprias reflexões, atos, pensamentos, e a partir delas, poder crescer cada vez mais, tanto no âmbito pessoal, quanto profissional, dentro da sala de aula.

6 REFERÊNCIAS

BARBOSA, J. G. *et al.* **Autores cidadãos: a sala de aula na perspectiva multirreferencial.** São Carlos: EdUFSCar, 1ª ed. 2000. 123p.

MARTINS, J. B. Multireferencialidade e educação. In: BARBOSA, J. G. (org.) **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial.** São Carlos: EdUFSCar, 1998.

QUEIROZ, E. L. M. **Jornal de pesquisa.** 14 abr. 2014.



MORIN, E. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 128 p.

PAU DOS FERROS. **Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Tarcísio Maia**. 2014.

BARBOSA, J. G. Diário de Pesquisa: entendimento e prática. In: HESS, R. & BARBOSA, J. **O diário de pesquisa**: o estudante universitário e seu processo formativo. Brasília: Liberlivros, 2010.

ELIAS, Leila Márcia. Como escrever um bom Relato de Experiência em “Implantação de Sistema de Informações de Custos no setor público”. In: I Seminário Regional de informação de custos e qualidade do gasto no setor público – Região Norte. FIEBA. Belém, 2014.